

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA

Juliana Hartmann

RETRATOS DA ALMA

Curitiba - PR

2018

JULIANA HARTMANN

RETRATOS DA ALMA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof(a). Renata Cunha Wenth

Curitiba - PR

2018

Juliana Hartmann

RETRATOS DA ALMA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial à conclusão do curso.

Banca Examinadora:

Professor

Professor

Curitiba, __ de Setembro de 2018

DEDICATÓRIA

`A memória da minha avó Elza, com quem aprendi a gostar de fotografias e tenho registros de muitos momentos felizes.

AGRADECIMENTOS

A professora Renata Wenth, pela firmeza e carinho em suas orientações, cuja dedicação foi essencial e motivadora para a construção dessa monografia e para um novo registro sobre a minha relação com a escrita.

Ao professor Juliano Amui, pela provocação para que eu me envolvesse com o tema da monografia e não optasse por algo impessoal.

Aos meus colegas Karem, Mônica, Renata e Tobias, pelo suporte nos momentos de incertezas e pelas trocas teóricas que auxiliaram a evolução da monografia.

A minha mãe e ao meu filho, pela compreensão nas horas em que eu precisei estar ausente para estudar, comparecer às aulas e às orientações.

RESUMO

A fotografia é uma forma de expressão. Uma arte que vem sendo desenvolvida por séculos no seu propósito e tecnologia. A fotografia tem a sua própria história como arte e ofício e também conta histórias de momentos que são capturados e as impressões causadas nas pessoas que se relacionam com a foto. Este trabalho explora a relação entre a psique, no sentido da Psicologia Analítica e a fotografia, fazendo uma analogia entre a câmera fotográfica e a forma como a alma registra o mundo externo e a si própria. A fotografia é apresentada como um possível recurso de relação com a alma, a partir do uso dessa técnica como uma ferramenta auxiliar da psicoterapia e uma forma de expressão da Imaginação Ativa.

Palavras-chave: Fotografia. Alma. Psicoterapia. Imaginação Ativa.

ABSTRACT

Photography is a way of expression. It is an art that has been developed for centuries on its purpose and technology. Photography has its own history as art and occupation and tells stories about the moments that are captured and the impressions on the people who relate to the photo. This essay explores the relation between the Psyche, in the Analytical Psychology perspective, and the photography, making an analogy among the photographic camera and the way the soul registers the outside world and within itself. Photography is presented as a possible resource to relate with the soul, from the use of its techniques as an auxiliary tool of psychotherapy and a way of expression in the Active Imagination method.

Key-words: Photography. Soul. Psychotherapy. Active Imagination.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Vista da janela em Le Gras | 12 |
| Figura 2 – Estádio Couto Pereira Antigamente | 15 |
| Figura 3 – AmalgaMATE | 17 |
| Figura 4 - Christian 6 – 41 – Booby Neel Adams | 23 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| I. FOTOGRAFIA – UMA HISTÓRIA | 11 |
| I.1 História da fotografia | 11 |
| I.2 Fotografia e suas histórias | 14 |
| II. PSIQUE: “fotógrafa” | 25 |
| III. FOTOGRAFIA: UM RECURSO DE RELAÇÃO COM A ALMA | 34 |
| III.1 Fotografia na psicoterapia | 35 |
| III.2 Fotografia e imaginação ativa | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

INTRODUÇÃO

A fotografia sempre esteve presente em minha vida, como talvez na vida de muitas pessoas ao longo dos tempos. Passava horas a ver a caixa de fotos que minha avó guardava: fotos antigas, que retratavam diversas situações, acontecimentos. O que mais impressionava nesses momentos era que as mesmas fotos observadas por inúmeras vezes, a cada vez que eram vistas, revelavam algum conteúdo novo, um detalhe ou uma história resgatada.

A vontade de aprender a fotografar foi construída de maneira não muito explícita em mim. Se fez presente, de maneira intuitiva, em um momento no qual a vida não estava tão leve e fluida. Penso que se tornou um recurso proposto pela própria psique para um novo caminhar.

Desta forma, fotografar se apresentou como um despertar para as diferentes possibilidades, para as infinitas combinações, para a tolerância à frustração, aceitação do erro e a beleza do diferente - afetou diretamente minha forma de encarar a vida e atitude diante dela.

A experiência pessoal com a fotografia enquanto recurso transformador motivou o interesse em investigar os processos terapêuticos envolvidos neste, constituindo este o objetivo desta monografia.

Para tal, no primeiro capítulo deste trabalho a fotografia é vista a partir da perspectiva histórica: seu percurso enquanto arte, enquanto ofício e pessoal: a relação subjetiva do indivíduo com a fotografia.

Em um segundo momento, compõe-se uma relação entre a psique, no sentido da Psicologia Analítica, e a fotografia, posto a psique estar a registrar o mundo a partir de sua ótica.

No terceiro capítulo, a fotografia é colocada como um possível recurso de relação com a psique/alma, a partir do uso da fotografia na psicoterapia e do conceito de Imaginação Ativa.

Para nas Considerações Finais sintetizar os principais aspectos abordados nesta monografia, em especial a importância e as contribuições da fotografia para o entendimento e o cultivo da alma.

I.

FOTOGRAFIA – UMA HISTÓRIA

“É uma ilusão pensar que as fotos são feitas com a câmera... elas são feitas com os olhos, o coração e a mente”.

Henri Cartier – Bresson (IN: SMITH, 2018, p.6)

I.1.História da fotografia

De acordo com o site Dicionário Etimológico, fotografia vem da palavra grega *phosgraphein* que:

“é formada a partir da junção de dois elementos: *phos* ou *photo*, que significa ‘luz’, e *graphein*, que quer dizer ‘marcar’, ‘desenhar’ ou ‘registrar’ (...) que significa literalmente ‘marcar a luz’, ‘registrar a luz’ ou ‘desenhar na luz’.” (<https://www.dicionarioetimologico.com.br/fotografia/>. Acessado no dia 16.06.2018)

A fotografia é um meio de comunicação e expressão. O registro permanente de imagens tem chamado atenção desde o período Renascentista. (NEWHALL, 1988)

Nas literaturas a respeito da invenção da fotografia, não há registro de uma única fonte, um nome responsável pela sua criação, mas sim por ser fruto do interesse de vários curiosos engenhosos e artistas.

A primeira técnica utilizada é conhecida por câmara escura, era uma sala escura com um pequeno furo na parede que refletia a imagem externa, invertida, na parede oposta.

O curioso e inventor Nicéphore Niépce (1765 – 1833) já era um explorador da técnica de litografia e direcionou sua atenção para a técnica da câmara escura, pela qual, em conjunto com uma base feita de material reagente aos produtos químicos sensíveis à exposição ao sol, registrou a vista do quarto de sua casa (fig.1). (SMITH, 2018)

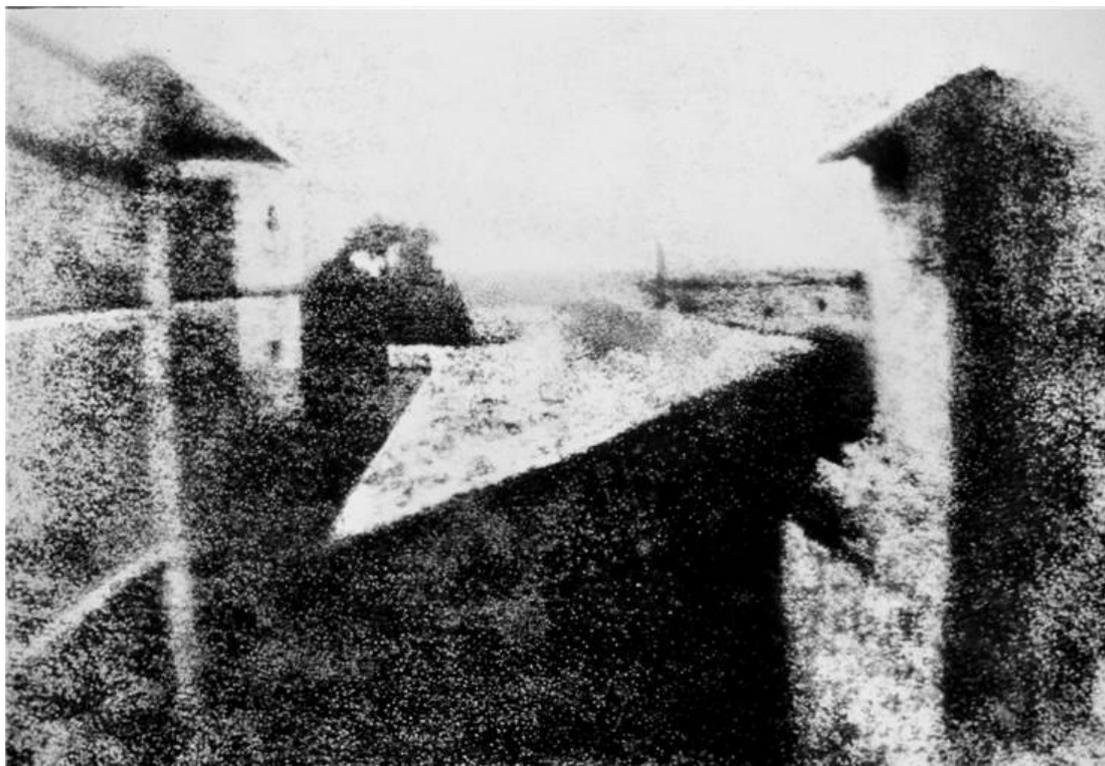


Fig.1. Vista da janela em Le Gras (<http://www.photographyhistoryfacts.com/picture/picture-of-view-from-the-window-at-le-gras-joseph-nicephore-niepce/>)

Além da câmara escura, Ian Smith, editor da revista *Curzon Magazine* (periódicos de uma empresa britânica especializada no ramo de filmes), destaca em seu livro 'Breve história da fotografia' as principais técnicas e equipamentos utilizados ao longo dos anos: Daguerreótipo, Calótipo, Cianotipia, Colódio úmido, Papel albuminado, Prata colodial, Platinotipia, Coloração manual, Cor, Dupla exposição, Fotograma, Luz artificial, Fotografia aérea, Corte, Solorização, Fotografia de alta velocidade, Kodachrome, SLR, Longa exposição, Fotografia com flash, Polaroid, Fotomontagem, Manipulação fotográfica, Foco suave e a atual Fotografia digital.

Na história da evolução da fotografia, os registros mais artesanais das imagens refletidas foram gradualmente substituídos pelas novas tecnologias, que eram desenvolvidos por estudiosos interessados em melhorar a fixação da imagem, em tornar o instrumento mais portátil e prático, aumentar a nitidez, a qualidade e duração do registro.

Dessa mesma forma, foram incluídas as lentes, também chamadas de objetivas, e na sequência foram desenvolvidos recursos para minimizar os efeitos distorcidos que esse novo elemento provocava.

A evolução da revelação fotográfica contou com a ajuda dos estudos dos alquimistas a respeito da alteração do estado de certas substâncias em contato com a luz. O aprofundamento do conhecimento sobre química, colaborou no desenvolvimento de técnicas mais modernas para fotografar, popularizando a arte. (NEWHALL, 1988)

Os avanços da tecnologia em nossa sociedade hoje, também podem ser relacionados à evolução da fotografia, como por exemplo: o diagnóstico médico e dentário por imagens, as novas formas de relações por mídias sociais, as grandes produções de cinema, entre outras tantas profissões que utilizam dos recursos visuais para o desempenho de seus trabalhos.

Uma tecnologia derivada da fotografia é película, que são as imagens fotográficas registradas em uma película com produtos químicos reagentes a luz, colocadas em uma ordem sequencial, formando um rolo, que se encaixa em um equipamento projetor específico para colocar as fotos em movimento. Posteriormente vieram os vídeos, que são imagens em movimento capturadas por uma câmera de vídeo, as quais utilizam-se de técnicas eletrônicas para registrar e reproduzir.

A fotografia, ao longo de sua história, além de apresentar diferentes gêneros, apresentou funções diversas.

O fotógrafo Ben Kerns no artigo “Sobre a imagem fotográfica”¹ escrito em forma de diálogo entre este fotógrafo e, o também fotógrafo, Rob Kostka (IN: KERNS & KOSTKA, 1984, p.188) apresenta duas funções distintas para a fotografia: a primeira é a de documento, um registro cultural ou de eventos sociais, a segunda função é a de “embelezar a realidade”.

Complementando as funções mencionadas pelos fotógrafos acima citados, SMITH (2018) discrimina os gêneros de fotografia como: Monocromático, Pictorialismo, Fotografia Pura, Retrato, Paisagem, Fotografia de Rua, Cor, Nu, Natureza-Morta, Autorretrato, Abstração, Vanguarda, Guerra, Propaganda, Etnografia, Fotojornalismo, Documentário, Humanismo,

¹ No original “On the photografic image” KOSTKA & KERNS, 1984.

Ciências, Arte, Glamour, Pop, Sociedade, Topografia, Moda, Campanha Publicitária, *Paparazzi*, Conceitual, Encenada, Performance, Arte Contemporânea e *Selfie*.

Apesar das classificações, é possível identificar a comunicação e combinação de algumas técnicas e gêneros entre si, podendo assim, uma foto ter mais de uma referência, fazendo da fotografia uma forma de expressão múltipla, heterogênea quanto a sua estética e informação.

I.2. Fotografia e suas histórias

Fotografia é um instrumento para acessar a história. A foto eterniza um evento, nas suas qualidades, a imagem revelada e fixada em papel ou arquivo digital, cria memória, ou seja, é um resgate de informações do passado, recente ou remoto.

Fotografia é o registro de um momento um sentimento, um contexto eternizado em uma foto. Fotografia conta a história do assunto registrado, da pessoa que o registrou, da técnica utilizada, do cenário, do contexto social, familiar, financeiro.

Nuno Pinheiro, doutor em História Moderna e Contemporânea, afirma que:

“A fotografia (...) tem sido um meio muito importante para a construção de memória. Em algumas ocasiões essa construção é feita de uma forma deliberada, enquanto noutras as fotografias são produzidas com outros fins, sendo a função de construção de memória um resultado da conservação das fotografias.” (PINHEIRO, 2011, p. 107)

Um exemplo da construção de memória pela conservação das fotografias são as imagens das cidades antigamente, que registravam as características físicas e sociais daquele período. Atualmente com a facilidade de compartilhar fotos por meio digital, como por exemplo o site www.curitibaantiga.com que reúne diversos registros antigos da cidade de Curitiba - Paraná, inclusive comparando com imagens atuais, como na figura

abaixo (fig.2), que traz a esquina da Rua Mauá com a Rua Barão de Guaraúna, no bairro Alto da Glória, onde fica o estádio Major Couto Pereira, que foi inaugurado em novembro de 1932.



Fig.3 Estádio Couto Pereira Antigamente. (<http://www.curitibaantiga.com/fotos-antigas/348/Estádio-Couto-Pereira-Antigamente.html>)

Além da fotografia poder ser um documento, um registro que eterniza uma situação, um momento ela pode fazer “arte” com o momento, alterá-lo, modifica-lo inclusive a partir do uso de determinada lente, de um foco específico. Assim, fotografia pode ser arte realizada com a história do momento, pode ser um recorte de histórias contadas e não contadas.

A fotografia pode contar uma história fictícia, cuja cena tem a participação de modelos ensaiados para reproduzir a imagem desejada pelo fotógrafo, como nos casos de campanhas publicitárias.

A manipulação da cena para criar uma imagem específica ou dar um tom mais dramático para a foto e seus conteúdos são providências tomadas pelos fotógrafos há décadas, como no caso do fotógrafo escocês Alexander Gardner que em 1863 registrou a guerra civil americana – A batalha de Gettyburg. Na época haviam poucos recursos tecnológicos para fotografar a guerra acontecendo, justificando assim a manipulação do corpo de um soldado morto, movendo para locais distantes, colocando em posições distintas e inclusive trocando de roupas, para que pudesse compor a cena desejada pelo fotógrafo, e assim, contar em imagens a história daquela chacina. (HARAZIM, 2013)

Na atualidade, há recursos tecnológicos para realizar alterações mais extremas com a utilização de programas de manipulação de imagens, como por exemplo o *Adobe Photoshop*, pelo qual é possível descaracterizar as condições originais do local ou as características naturais da pessoa fotografada, sem a necessidade de mexer literalmente na cena, apenas pelo recurso digital.

A partir destes recursos, é possível trocar a cor do céu, inverter as árvores de posição, colocar orelha de elefante em seres humanos, retirar objetos da cena, incluir pessoas na imagem, pisar na lua, virar robô, entre outras possibilidades que a ferramenta permitir realizar e a criatividade sugerir.

O site digitalsynopsis.com traz exemplos de imagens modificadas pelo *Adobe Photoshop*, a publicação chamada “30 imagens maravilhosas - Antes e Depois do Photoshop”². Abaixo (fig.3), um exemplar dessa manipulação, a obra digital de Michael Oswald, chamada AmalgaMATE, conforme informações contidas no site do próprio artista, www.bymichaelo.com.

² Tradução livre do original: “30 Amazing images Before and After Photoshop”. www.digitalsynopsis.com

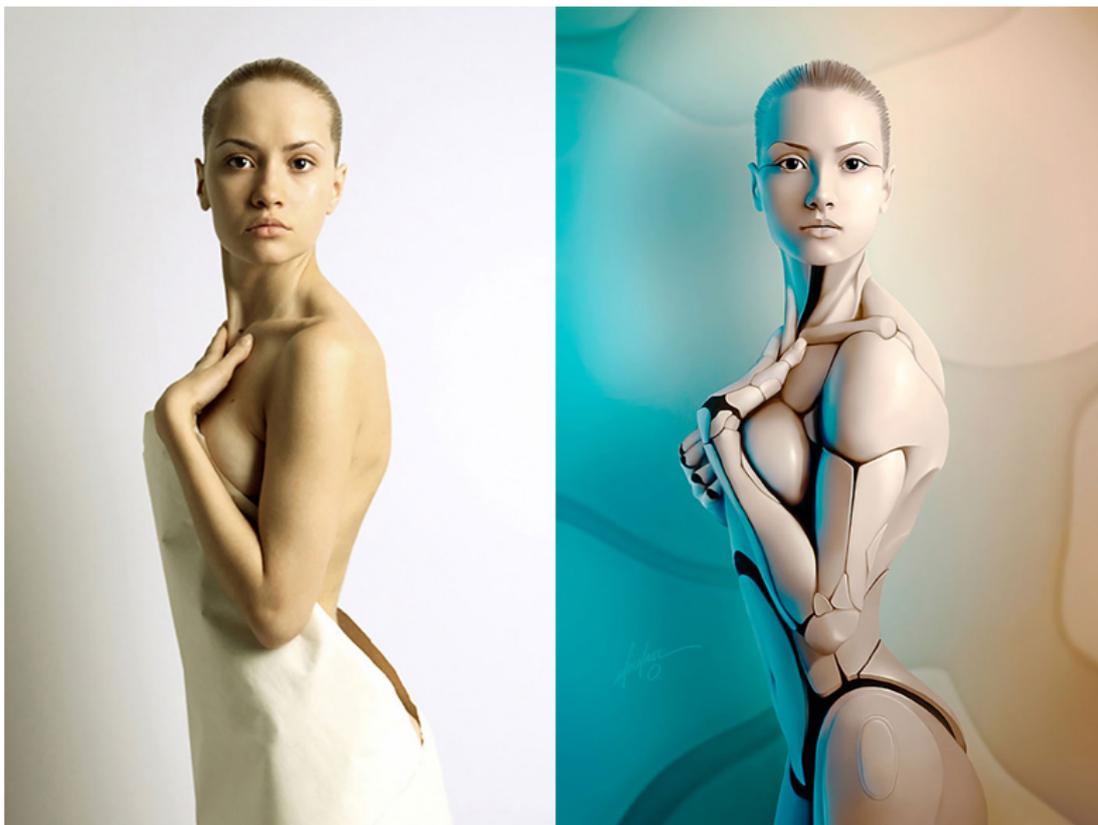


Fig.4. AmalgaMATE (<https://digitalsynopsis.com/design/before-and-after-photoshop-pictures/>)

A fotografia ocupa lugares distintos na vida de cada pessoa. Um mesmo álbum de família, por exemplo, para a sobrinha era saudades, construía a sua identidade genealógica, também reativava as memórias doces de uma infância livre e amorosa. Já para a tia, exatamente as mesmas fotos, causavam reações físicas de desconforto, os mesmos que sentia naquele período que as fotos foram registradas, memórias de uma fase de privações e abusos sofridos em silêncio, disfarçados no sorriso estampado nas lâminas 10x15, daquele álbum.

Há quem se relacione com a foto como um espelho, “espelho” que eterniza uma fase, um rosto, uma constituição familiar, e com o passar dos anos vão comparando as transformações, a chegada das rugas, os cortes de cabelo, a altura das crianças, as reformas da casa, os membros familiares presentes, os estilos de roupas, são tantos detalhes que a fotografia capaz de registrar.

Nos dias de hoje, registra-se muito pela fotografia, o rótulo da bebida para lembrar de beber novamente no futuro, o perfume desejado para

encomenda, o número do estacionamento em que o carro ficou parado no shopping, a caixa de remédio e suas especificações para comprar na farmácia, o modelo da roupa que gostou, as anotações do quadro em sala de aula, o cartão de visitas de um profissional. Assim como para realizar essa monografia, foram fotografadas uma série de exemplos de como fazer algumas citações específicas corretamente, utilizando como fonte as monografias de colegas que já concluíram essa etapa.

A revolução da forma de fotografar de analógico para digital promoveu mudança nas formas de armazenamento, passaram de quadros, retratos, caixas e álbuns para CD, DVD, *Pen Drives*, HD interno e externo e a "nuvem" – espaço virtual de armazenamento. As fotos digitais são expostas em porta retratos digitais, TV, computadores, *tablets* e celulares. Atualmente é possível mostrar uma coleção de fotos na palma da mão.

Com a chegada da modalidade digital, a quantidade de fotos que podem ser capturadas, multiplicou. Não se fala mais em dezenas de fotos reveladas, mas sim, centenas de imagens arquivadas.

Muitos cliques são realizados de maneira automática, assim, muitas fotos são armazenadas e muitas delas são esquecidas, não impressas ou sequer revisitadas. Tornando-se um arquivo morto digital, que deixou-se perder seu propósito. Ou torna-se um "sonho de consumo" ter tempo para envolver-se com estas fotos.

Com o avanço da tecnologia e a câmera cada vez mais portátil e acessível, atualmente é possível observar a utilização da fotográfica como um espelho literal, não é raro encontrar pessoas tirando "*selfies*" para verificar como está o cabelo, a maquiagem, a limpeza dos dentes.

As "*selfies*" também são um tema muito explorado pelos "blogueiros", que são pessoas que utilizam de um espaço virtual para expor suas ideias sobre algum assunto específico e mais comumente, sobre seu próprio estilo de vida. Nesse segmento, não se pode deixar de falar do aplicativo *Instagram*, o qual possui uma comunidade com mais de 800 milhões de contas que compartilham suas histórias em imagens fotográficas e em forma de vídeo. Os motivos são diversos, desde contas de empresas divulgando seus produtos e serviços, pessoas públicas divulgando seu trabalho, a jovens

que compartilham suas experiências pessoais na rede através desse *app*. (<https://www.instagram.com/about/us/>. Acessado no dia 16.07.18).

No *Instagram* é possível contabilizar quantos seguidores cada perfil possui e a quantidade de *likes* que cada publicação recebe. As contas mais populares, com um número considerável de seguidores recebem patrocínio de empresas diversas, incentivando as publicações de imagens vinculadas a sua marca.

Dessa forma, a produção de fotografias com a finalidade de visualizações e *likes*, especialmente nos casos de divulgação do estilo de vida, abre a possibilidade de questionar se por trás a uma bela imagem retratando um cenário exótico e aventureiro foi de fato uma experiência pessoal, ou apenas uma foto encenada para colecionar “joínhas”.

Ainda explorando a popularidade das câmeras fotográficas em celulares e aplicativos como o *Instagram*, existe uma aplicação social muito importante quanto a ampla divulgação de fotos. Há aqueles que utilizam essa ferramenta para divulgar campanhas de apoio social ou o sucesso do desenvolvimento de um projeto, assim como existem aqueles que relatam algum tipo de abuso cometido por alguém ou divulgam uma situação controversa ou inapropriada.

O médico e diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, Paulo Saldiva, comentou no Jornal da Cultura, exibido no dia 20 de junho de 2018, uma notícia sobre o caso das crianças separadas dos seus pais ao serem detidas pelo governo americano, quando cruzavam ilegalmente a fronteira daquele país.

“O que é mais legal nessa notícia, é que você não consegue mais fazer maldade impunemente. Quer dizer, a comunicação, a visão daquelas crianças separadas dos pais através de um celular, ou de uma câmera, fez com que a própria consciência da população americana não permitisse isso. Isso começou, por exemplo, se tivesse *Instagram* você não tinha Nagasaki, o horror de ver uma cidade destruída por uma bomba atômica faria com que o mundo rejeitasse a segunda bomba. (...) Então, quando você não tem muita consciência, ou tem o coração meio duro, a comunicação faz com que você sinta que você vai perder popularidade, a ação de reverter foi uma vitória de uma consciência para quem não teve”. (https://www.youtube.com/watch?v=xr_aWQTnw80&feature=youtu.be. Acessado em 22/07/18.)

A fotografia como registro da realidade, traz informações que podem ser utilizadas para promover mudanças na história, na continuação daquele contexto fotografado. A fotografia denuncia, escancara os fatos, promove a conscientização. Como no caso das crianças presas separadas dos pais nos Estados Unidos, existem outros exemplos de utilização de fotos para impedir um ato de crueldade ou delito. As câmeras de vídeos são utilizadas com frequência para impedir roubos em lojas, também flagram a qualidade dos serviços prestados por cuidadores de crianças, idosos e em *PetShop* – nos cuidados com os animais.

A diversidade de temas para serem fotografados também aumentaram nos últimos anos no âmbito profissional da fotografia. As fotos de casamento deixaram de ser apenas um registro formal do momento, é possível sentir a emoção dos noivos e seus pais, há um envolvimento pessoal do profissional na hora do clique, não é raro o fotógrafo entrar no meio da pista de dança para não perder o momento de vibração dos noivos com os convidados. Existe um olhar artístico, que inclui efeitos técnicos e criativos, assim como a disposição de se envolver com a cena.

Há também as fotos de gestantes, na maternidade durante o nascimento, dos bebês recém-nascidos – o tema de fotografia chamada *Newborn*, dos populares “mesversários”, que são os registros mensais do desenvolvimento do bebê; os *Smash the cake*, aqueles em que as crianças, de aproximadamente um ano de idade, são fotografadas comendo bolos recheados e fazendo muita bagunça. Os ensaios de 15 anos das meninas, de noivado, de casamento. As festas de aniversário, as corporativas, os *bar/bat mitzvahs*, as formaturas. O ensaio fotográfico chamado *Pet*, que são fotos dos animais de estimação, registro daquele que também tem sua presença significativa no contexto familiar.

As fotos de infância são um registro que desperta grande curiosidade nos mais crescidos, a memória remota já não traz tantos detalhes como se gostaria, e as fotos auxiliam nesse resgate. Deseja-se saber como era sua aparência, como se vestia, quais eram os brinquedos mais presentes, como era a casa, qual lugar ocupava naquele registro, quem eram as pessoas próximas, enfim uma infinidade de eventos que ocorrem dia a dia, que

contam a história daquele indivíduo, contam a história da construção da sua identidade.

Para algumas pessoas a ausência de fotos da infância ficou registrada pela experiência da falta, falta do olhar e do interesse dos pais em retratar o desenvolvimento do filho relacionando a uma fragilidade no vínculo ou a falta de condições financeiras para bancar fotos. Porém, há aqueles que não possuem o registro literal da foto, ou porque os pais não gostavam de usar esse recurso ou porque estavam envolvidos com outros aspectos da vida, os motivos podem ser diversos, para estes não há o registro de falta, de distanciamento e fragilidade do vínculo entre pais e filhos. Assim, não ter a foto também conta uma história específica da relação com a fotografia.

Fotografar pode estar a serviço de diferentes formas de se relacionar. Por vezes, há situações em que o fotógrafo se utiliza dessa ferramenta para permanecer em um refúgio premeditado, como por exemplo, em uma festa de família, aquelas que reúnem primos, tios, parentes distantes, que pouco se conhecem e basicamente dividem o mesmo sobrenome. Na qual, os assuntos são mais interessantes para os mais antigos e para os desconhecidos, trocar palavras é exaustivo, em especial para os introvertidos, pois exige muita disposição para ser criativo nos assuntos, e paciência para responder perguntas invasivas. Neste cenário, a câmera e a função "fotógrafo de plantão" caem perfeitamente, pois o fotógrafo pouco será interrompido para bater papo, apenas para registrar os abraços e sorrisos. Cumprindo assim seu propósito de estar fisicamente presente, mas não intimamente totalmente envolvido naquela situação. O contrário também acontece para fotógrafos, querer estar presente em um evento, participando e interagindo sem a intercessão da câmera, sem a distância que o equipamento, a função fotógrafo e as expectativas intrínsecas a esse papel imprimem no ambiente.

A fotografia conecta, inúmeras fotos foram, são e serão trocadas com intuito de compartilhar vidas, histórias. Antes eram reveladas e encaminhadas pelos correios, com dedicatórias e datadas no verso, hoje são encaminhadas por aplicativos digitais, cada geração com a sua maneira de enviar as fotos, mas todas com o objetivo de aproximar, convidar o outro para participar da sua história.

Fotografia como linguagem da alma. Há quem se comunique com fotos, por exemplo há pacientes que levam fotos em álbuns ou nos seus celulares para psicoterapia e assim contar o que a psique está querendo que seja visto e elaborado. Com o advento do celular é muito mais fácil e rápido um paciente mostrar uma foto para o psicoterapeuta. No caso dos médicos vários pacientes enviam fotos de seus sintomas, outros que registram fotos das cirurgias para compor o prontuário do paciente, dentistas que pela foto elaboram digitalmente o procedimento e técnica mais adequada para o tratamento a ser realizado.

Fotografia é exposição. As fotos não se restringem apenas a exibição de paisagens e retratos, mas também da intimidade. Capturam-se as imagens da privacidade de uma pessoa ou de momentos com família e amigos, dos momentos espontâneos, das poses inesperadas e situações embaraçosas.

Há quem compartilhe ainda mais, quem exponha as características mais íntimas do seu corpo, como os chamados *Nudes*, que são fotos das pessoas nuas ou apenas das suas partes íntimas, sem propósito artístico, mas como uma ferramenta de aumentar a intimidade da relação.

O nu causa curiosidade, o íntimo parece procurar a visibilidade do externo e o público se interessa pelos mistérios da privacidade. No entanto, uma foto íntima quando cai na internet passa de privado para público em questão de minutos. Não são raros os casos de adolescentes que compartilham imagens suas com os chamados “ficantes” e estas acabam sendo expostas sem autorização a amigos e desconhecidos. Assim, fotografia também provoca constrangimento.

Fotografia e emoções. Para alguns, fotografia é a felicidade congelada em um papel. Há aquelas pessoas que usufruem dessa lembrança de forma criativa, como uma idosa que revive a sua viagem à Europa quando era mais jovem, mostra as fotos daquela época com orgulho, feliz por ter tido essa oportunidade na vida, uma aventura que neste estágio já não é mais possível realizar em terras estrangeiras. Há, também, quem congelou como as fotos nas experiências felizes do passado e não estão ativos no presente produzindo novas memórias.

Para outros evoca tristeza. A tristeza da partida ou falecimento de alguém querido, cuja foto faz lembrar o luto e a dor da distância ou finitude daquela presença. Há quem esconda as fotos de familiares falecidos para não evitar a dor da falta ou quem rasgue fotos que exibem momentos de um relacionamento findado.

Também testemunha a passagem dos anos, como fez o fotógrafo americano Bobby Neel Adams (fig.4) no seu trabalho chamado *AgeMaps*, os Mapas da Idade.



Fig. 4. Christian 6 – 41(http://www.bobbyneeladams.com/agemaps?lightbox=image_a60)

Assim como a fotografia com todos os seus diversos tipos, funções e recursos em termos de equipamentos e técnicas relaciona-se à psique do fotógrafo, a própria psique é qual uma câmera que registra os fatos, as relações, enfim, o mundo. A psique, então, como uma fotógrafa olha o mundo a partir de suas lentes, de suas câmeras.

II.

PSIQUE: “FOTÓGRAFA”

Este trabalho busca uma analogia da fotografia, do fotografar, dos equipamentos fotográficos e do fotógrafo com os processos psíquicos do indivíduo. Pensada desta forma a psique pode ser vista como uma fotógrafa.

A psique como uma fotógrafa que está constantemente a capturar o mundo, as pessoas, a natureza, através de seus olhos, de suas “lentes”. A câmera registra informações que os olhos não percebem no momento do clique, assim como a psique registra vários instantes de uma vida que por vezes o ego nem percebe terem sido “fotografados”. Um exemplo desse registro, é uma pessoa já adulta, em um instante aleatório de seu dia a dia, recebe *flashes* de um momento da infância, que estava oculto em sua memória há anos, em que o avô a surpreendia com brincadeiras matinais que contrastavam com jeito dele mais sério de ser. A lembrança daquelas brincadeiras emocionou aquela pessoa, ao lembrar, de forma inusitada, do seu relacionamento com o avô. Dessa forma, o resgate do retrato que a alma fez reconta a história de relação entre os dois, atualiza o sentimento sobre quem se é!

As lentes têm um limite de captura de uma imagem, é necessário trocar as lentes para cada intenção de foto e assunto desejado para registro. As lentes 50mm reproduzem da visão humana, as lentes “tele” aproximam a imagem e as tornam maiores e melhores de serem vistas, as lentes grande-angulares são capazes de incluir um número maior de elementos na foto. A psique também tem olhares, que são ajustados conforme a necessidade, por vezes a situação necessita um olhar mais amplificado e geral sobre o evento, em outras um olhar mais detalhado e especializado.

Para a Psicologia Analítica a psique é composta por aspectos conscientes e inconscientes que estão a “olhar” o mundo. A fotografia é um trabalho com a luz, é criar, pintar, comunicar com a luz. A luz é costumeiramente um símbolo para processos conscientes. Porém, o registro só acontece com a incidência dessa forma de energia e nas brincadeiras com

a ausência dela, as sombras – um símbolo para processos inconscientes. Fotografia e Psique trabalham a partir do jogo entre consciência e inconsciente, uma dança entre luzes e sombras.

Os opostos constituem a psique, para Jung “os opostos são em si condições inextirpáveis e indispensáveis de qualquer vida psíquica” (JUNG, OC XIV/1, § 200). A questão dos opostos é fundamentada na primeira lei da termodinâmica, a qual afirma que a energia requer duas forças opostas. (SAMUELS, 1988). Toda a dinâmica psíquica decorre da ação dos opostos psíquicos, há uma busca por conscientização destes e uma relação entre estes.

Os contrastes estão para a fotografia assim como a relação dos opostos estão para a psique, são eles que dão o tom, a forma, as características das fotos e das personalidades. Fotografia com luzes fortes, apresentam sombra mais escuras. Todo estabelecimento da consciência, simbolizada pela luz, acaba por deixar conteúdos em estado de inconsciência, simbolizado pelas sombras. Pessoas com um aspecto psicológico polarizado e cristalizado na consciência, tem seu oposto bem constelado no inconsciente.

O *flash* externo é um acessório que é utilizado para provocar e intensificar a iluminação em algum ambiente ou objeto com pouca luz. A câmera tem recursos para aumentar a claridade do ambiente, no entanto esse recurso é limitado para algumas situações e cenas, fazendo-se necessário a utilização do *flash*. Essa iluminação externa pode ser vista como um “olhar externo”, uma consciência auxiliar para a psique humana, porque não comparar o flash à intervenção do psicólogo em *setting* de análise?

É função do psicólogo lançar luz à uma situação para que o paciente possa refletir sobre o assunto, olhar de uma nova perspectiva. Também é importante ressaltar que o excesso de luz “estoura” a foto, deixa a foto toda branca sem informações, assim como no *setting* terapêutico o psicólogo deve respeitar o tempo de elaboração do paciente, há momentos em que iluminar demais alguma questão mais inconsciente pode ser muito para aquela estrutura psíquica dar conta, a visão do paciente ofusca, em um movimento de defesa.

A psique, assim como a câmera que captura luzes e sombras, registra aspectos conscientes, inconscientes. Além disso, a psique é qual uma câmera que trabalha a partir de aspectos conscientes e inconscientes, de complexos e arquétipos, mais ou menos inconscientes para o sujeito.

No campo da consciência está o ego, um complexo que se relaciona, que apreende, que percebe o mundo externo e interno e busca integrar esses conteúdos à psique:

“Se existem processos inconscientes, estes certamente pertencem à totalidade do indivíduo, mesmo que não sejam componentes do eu consciente. Se fossem uma parte do eu, seriam necessariamente conscientes, uma vez que tudo aquilo diretamente relacionado com o eu é consciente. A consciência pode até ser igualada à relação entre o eu e os conteúdos psíquicos.” (JUNG, OC IX/1, §490).

No campo do inconsciente, Jung o apresenta em dois aspectos, o inconsciente pessoal e o coletivo.

“Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos de *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal.” (JUNG, OC IX/1, § 3)

Dessa forma, há aspectos atuantes na psique que são de cunho pessoal, individual e aspectos que consistem em padrões de comportamento inerentes à natureza humana. São os complexos e os arquétipos, Jung explana a relação desses conteúdos:

“Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença *de conteúdos capazes de serem conscientizados*. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados de arquétipos.” (JUNG, OC IX/1, §4)

Assim, a psique é composta por conteúdos conscientes e inconscientes. Tal constituição compõe o olhar do ser humano para vida. O complexo/arquétipo constelado determina como cada indivíduo irá registrar e se relacionar com o mundo. Os complexos e arquétipos são as lentes e filtros da câmera psíquica. Nesta aquilo que é universal recebe uma lente individual. Sobre essa relatividade no registro pessoal, Jung ressalta que:

“O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta.” (JUNG, OC IX/1, §6)

A psique fornece muitos estímulos imagéticos, pois são muitas as lentes (complexos/arquétipos) registrando ao mesmo tempo, ou seja, o inconsciente possui vários olhos, conseqüentemente, pode compor várias formas de registro.

É parte da psicoterapia reconhecer as lentes através das quais se está a enxergar o mundo, qual complexo, qual arquétipo colore a perspectiva que um indivíduo tem de si, dos outros, de sua vida, das situações, do mundo. Os complexos direcionarão o olhar da psique para o mundo frente a tal fato faz-se necessário, em primeiro lugar, a consciência desta situação e então que o complexo egóico busque por saber quais complexos estão constelados até para que outros olhares possam se instalar.

Boechat, em seu livro sobre o Livro Vermelho de Jung, explica a relação do ego com as imagens arquetípicas.

“[...] o ego está acostumado aos padrões de orientação da consciência e de seu cotidiano. As imagens do inconsciente coletivo que emergem são inteiramente novas e causam estranheza e sentimentos de ameaça. [...] Devido à grande intensidade que essas imagens se constelam na consciência, o ego vê seus referenciais habituais sendo questionados. Mas quando, como aconteceu com Jung, a consciência dispõe de mecanismos para elaborar e integrar toda a energia em processo de transformação pelos símbolos arquetípicos, o desenvolvimento da personalidade é muito grande.” (BOECHAT, 2014, p. 72)

O eu (ego) é a estrutura mais consciente da psique, que tem como função estabelecer conexões com o mundo externo e o mundo interno. O complexo egóico pode conectar-se com outros complexos de forma consciente, pode ser “possuído” por estes quando não os conhece e enxergar o mundo a partir de uma ótica inconsciente, uma lente embaçada por outros complexos. O próprio complexo egóico tem como base arquétipos que serão o filtro que tonaliza a relação do eu com o mundo interno e externo.

A consciência tem um limite de percepção. Dessa forma, deixa informações de fora justamente porque constrói um olhar peculiar sobre a experiência, tal como acontece ao capturar uma foto. Com a câmera fotográfica também é possível que algum aspecto fique no ponto cego do fotógrafo, fora do enquadre ou não sensível a configuração de funções da máquina naquele momento. Sendo assim, há aspectos da experiência que ficarão de fora da foto, de fora do registro psíquico.

Porque o todo da psique engloba outros arquétipos e complexos, além do egóico, que também registram o mundo, é interessante investigar as impressões destes outros complexos sobre uma experiência de vida, acessadas através das imagens dos sonhos que possam se revelar, por exemplo.

A nossa psique não registrar a totalidade não é algo negativo, pois retratar todas as informações que circundam uma pessoa causaria uma sobrecarga na elaboração desses conteúdos ao mesmo tempo. Sendo assim, filtrar é necessário, é importante saber escolher para onde direcionar a energia e de que forma fazer. Para Psicologia Analítica, o consciente deve trabalhar como parceiro do inconsciente, estabelecendo um elo de comunicação entre o ego e o si-mesmo, a totalidade da psique, devido a grandiosidade e autonomia dos conteúdos do inconsciente como descreve Jung:

“Sendo a parte inconsciente realmente inconsciente, não é possível fixar-lhe limites, isto é, não podemos afirmar onde a psique começa ou termina. Sabemos que a consciência psicológica e seus conteúdos são a parte modificável da psique, mas, quanto mais profundamente tentarmos peneirar, ao menos indiretamente no campo da psique inconsciente,

tanto mais se firma nossa impressão de que estamos lidando com uma “entidade autônoma”. (JUNG, OC X/3, § 832)

A ideia do ego querer dominar e tornar-se Self remete a um estado patológico dessa estrutura, visto que o inconsciente não tem limite, e o ego necessita ser estruturado para relacionar-se com o mundo.

Ao falar de psicologia, está a se falar sobre um estudo da psique. Psique, para a Psicologia Analítica, revela-se em imagens. É através das imagens que se relaciona e compreende o mundo, ou seja, é a psique que faz essa troca, conforme Jung ressalta: “[...] Tudo aquilo que se torna consciente é imagem e de que imagem é alma. [...] Para mim, a alma é um mundo no qual o eu está contido.” (JUNG, 1967, OC XIII, §75).

Nas palavras de Hillman (1988) fica evidente o homem como um ser imaginal:

“No começo está a imagem; primeiro imaginação, depois percepção; primeiro fantasia, depois realidade. [...] O homem é primeiramente um criador de imagens e nossa substância psíquica consiste de imagens; nosso ser é um ser imaginal, uma existência na imaginação. [...] O mundo psíquico é um mundo imaginal, assim como imagem é psique.” (HILLMAN, 2010, p. 81)

Imagem é uma perspectiva, é o ângulo “que se escolhe”, consciente ou inconscientemente, olhar para o mundo interno ou externo. Em cada expressão da alma ou com uma nova tomada de consciência, mais uma imagem é produzida e assim, podemos nos referir à psique como “fotógrafa”, constantemente registrando.

Os fotógrafos americanos Rob Kostka e Ben Kerns³ debatem sobre os elementos ocultos nas fotografias.

“O olho da câmera percebe o imperceptível, capturando detalhes de formas míticas que de outra maneira “não são lidas”, dissolvidas em um retrato, em uma paisagem, ou

³ Tradução livre do original “The camera eye noticed the unnoticeable, catching details of mythic forms otherwise “unread”, dissolved in a portrait, a landscape, or sentimental composition. This went on simultaneously with the recognition of mythmaking processes and of the role of archetypes, as the human psyche itself was being probed and the nature of the Unconscious charted. The role of the photographic image in acting out the archetype goes unnoticed”. KOSTKA & KERNS, 1984.

composição sentimental. Isso aconteceu simultaneamente com o reconhecimento do processo de criação de mitos e do papel dos arquétipos, à medida que a própria psique humana era investigada e a natureza do inconsciente mapeada. O papel da fotografia em representar o arquétipo passa despercebido.” (KERNS & KOSTKA, 1984, p.181)

A citação acima, levou a compreensão de que tal experiência, fotografar, está relacionada à manifestação dos arquétipos na psique humana, como elementos existentes, pertencentes, que compõem a totalidade, mas estão encobertos, precisando de um novo olhar para serem revelados.

Apesar de o olho humano conduzir a realização de uma foto, há elementos que este não consegue perceber e que são capturados pela câmera. A câmera é capaz de capturar uma imagem que contém informações camufladas em outros elementos da cena. A percepção do ego é limitada e a psique, como um todo, tem o poder de capturar algo a mais, perceber o que está nas entrelinhas.

Um fotógrafo tem um objetivo ao clicar, seu foco dirige seu olhar, mas a câmera pode registrar outros aspectos, inclusive, dependendo de sua qualidade, de sua especificidade. Existem diversos tipos câmeras fotográficas que variam em tecnologia e recursos. Os acessórios também compõem o trabalho com fotos, a utilização do *flash* ou não, a escolha da lente utilizada, mais aberta ou aproximada, a velocidade mais alta ou mais baixa, quantidade de luz que entra, muita ou pouca, tudo colabora na construção da foto, interfere no resultado da captura da imagem.

A configuração das funções da máquina tem consequência direta no resultado final da foto. A direção do olhar do fotógrafo e a aplicação de algum efeito na captura podem ressaltar alguma característica que de outra forma não seria possível representar, ou deixar tão explícito.

Um fotógrafo precisa dominar essas variáveis, ter amplo conhecimento das técnicas para que a foto represente o mais próximo possível a ideia original. Se qualquer um desses aspectos for ignorado, haverá alteração do resultado. Para cada assunto a ser registrado, uma configuração de técnicas deve ser considerada, por esse motivo há acessórios e câmeras adequadas

para cada situação. A combinação de técnicas pode servir tanto para capturar a imagem como ela está se apresentando, da maneira mais próxima da realidade possível, ou pode fazer interferências que mudam completamente o objeto na foto do que ele é visto diante dos olhos, sem as câmeras.

Fotografar permite tanto detalhar algum aspecto da natureza, humana ou não, quanto amplificar correlacionando, integrando aquele objeto ao seu ambiente, ao contexto ao seu redor. Na psique, é através dos complexos e arquétipos que o mundo é registrado, é visto. São estes que direcionam o olhar do indivíduo, que retratam a cena interna ou externa com suas matizes e enquadramentos. Emolduram as percepções de mundo conforme Hillman (2010, p.254): “[...] Há um fator psíquico, uma fantasia arquetípica, em cada uma de nossas ideias. [...]”.

O acesso aos arquétipos em si se dá através de um olhar metafórico, de uma atitude simbólica que capture suas diferentes possibilidades de manifestação:

“Os arquétipos são as estruturas esqueléticas da psique, onde os ossos são mutáveis constelações de luz – faíscas, ondas, movimentos. São princípios da incerteza. Já que não podem ser confrontados diretamente, tornam-se definidos, como Jung sempre insistiu, como incognoscíveis em si mesmos” [...] mas os conhecemos indiretamente, metaforicamente, miticamente.” (HILLMAN, 2010, p.305).”

O aspecto mutável da forma do arquétipo possibilita a atualização do olhar, da perspectiva. Tal característica pode ser observada na relação com a fotografia. Não é raro olhar uma foto pela segunda vez e encontrar uma nova informação que antes não havia chamado atenção. Ou ao pedir que as pessoas relatem o que veem na foto, resulte em descrições muito diferentes umas das outras. Os elementos estavam todos ali, para uns ainda escondidos e para outros explícitos. Dessa forma, a fotografia permite a aproximação e exploração dos conteúdos ocultos.

O contrário também é verdadeiro pois é possível ao olhar uma foto perceber o quanto esta não registrou a totalidade do vivido ou então, sentir

uma estranheza ao olhar o retrato de alguém, por ser muito diferente do que a pessoa é “ao vivo”.

Fotografar é registrar algo que está sempre se modificando, uma foto registrada agora não será a mesma se registrada em outros momentos. As condições da cena se modificam e principalmente, o olhar do fotógrafo. É, também, fazer um recorte daquela imagem, naquele momento. Isso pode ou não expressar a realidade daquela natureza.

O fator da veracidade de uma foto pode encaminhar para diversos entendimentos. A documentação dos fatos, registro de uma história, na qual, a manipulação e/ou enquadre da cena pode alterar o sentido da informação. Dependendo da intervenção realizada em uma imagem e o destino intencionado para ela, pode ser considerada uma atitude criminosa, pois a foto costuma ser um documento de retrato da realidade, muitas vezes utilizada como prova, e um documento alterado, utilizado indevidamente, é crime.

No entanto, há alterações que ressaltam a qualidade artística da foto, são diversas técnicas que brincam com a imagem com o intuito de tocar pela estética, pelo conteúdo, pela estranheza, enfim, é a fotografia sendo arte!

III.

**FOTOGRAFIA COMO UM RECURSO DE RELAÇÃO
COM A ALMA**

As artes expressam o estado anímico de um momento histórico, social e cultural, bem como retratam as bases psíquicas, universais. A autora Aniella Jaffé (p.232) a coloca: “[...] em termos de sua significação como o *próprio símbolo* – isto é, como uma expressão simbólica das condições psicológicas do mundo moderno.”

WENTH destaca as artes como fonte de alimento anímico pois a expressão artística é a visão singular do artista do que é universal, arquetípico, por isso tanto toca e transforma. A arte retrata aquilo que é universal e por isso maravilha:

“Um olhar para as artes. As artes como um alimento externo de emoções para o corpo emocional. Os olhos do artista conseguem conectar os eventos em seu sentido único e ao mesmo tempo coletivo. Onde exterior e interior, singular e universal se unem. As artes dão corpo a imagens que jazem em nosso interior, fazem o trabalho de ir, digamos assim, buscar no poço da alma algo que é de todos nós e por isso nos alimentam.” (WENTH, 2004, p.10)

Existem diversas formas de manifestação artística, Kostka (1984) lembra da estética japonesa que possui dois termos específicos que se referem a duas formas de ser artista, a duas formas de expressão. *Jiriko-do*, aquela em que o objeto, o processo, o conteúdo, o fazer e a filosofia são inseparáveis da vida da pessoa, assim chamada *Arte da maneira do Self*. A segunda forma de arte, *Tariki-do*, é a mais comum, é aquela aprendida em escolas, é a arte que vem de formas externas, das tradições, dos estudos acadêmicos, é desenvolver uma habilidade sem envolver a totalidade do artista, como na forma anterior.

As fotografias mais técnicas, aquelas com fins científicos e documentais, como por exemplo as tiradas por médicos e dentistas para diagnóstico, por arquitetos para acompanhar a evolução da obra ou mesmo as aquelas de documento de identidade, diferenciam-se dos registros em que o fotógrafo está em “busca do sentimento, em vez de informação”, esta intenção que costuma dar uma característica mais “artística” à fotografia. (KOSTKA, 1984, p.191)

Nas palavras de Jung ao falar sobre a Imaginação Ativa enquanto expressão anímica, as questões de técnica e estética não são as mais importantes.

“Pode-se expressar o distúrbio emocional, não intelectualmente, mas conferindo-lhe uma forma visível. Os pacientes que tenham talento para a pintura ou o desenho podem expressar seus afetos por meio de *imagens*. Importa menos uma descrição tecnicamente ou esteticamente satisfatória, do que deixar campo livre à fantasia, e que tudo se faça do melhor modo possível. [...] aqui também tem-se um produto que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância, por parte da consciência.” (JUNG, 1984, OC VIII/2, §168)

III.1 Fotografia na psicoterapia

Este trabalho busca colocar a fotografia como possibilidade de ser utilizada como um recurso psicoterapêutico. A foto pode ser um instrumento pelo qual a alma comunica-se e também pode ser cultivada.

A utilização da fotografia como acesso à psique caminha na mesma linha de outros recursos utilizados com a mesma finalidade: trabalho com desenhos, com argila, com pinturas, com a escrita. Todas estas atividades auxiliam na conscientização e no lidar com aspectos psíquicos, ao darem forma às imagens inconscientes. Uma forma ativa de se colocar frente às imagens, matéria-prima da psique. O recurso técnico da Imaginação Ativa.

Pereira (2007) apresenta resumidamente as ideias do analista junguiano Franz- Xaver Jans, das quais uma delas refere-se às formas de expressão na Imaginação Ativa:

“Dar expressão à experiência interior. Isso pode ser feito por meio de pintura, modelagem, improvisação de movimento ou musical, em caixa-de-areia ou por outros meios, de acordo com inclinação da pessoa. O que é importante é que a experiência encontre sua expressão em uma forma externa. No processo de dar uma forma (como quando escrevemos um sonho), outras coisas que ainda não estavam claras até esse ponto podem emergir; acontecem conexões internas, um sentido pode ser revelado, uma questão, levantada. Pelo processo de coloca-lo para fora por um meio criativo, atribuímos a ele uma forma que pode ser confrontada e comprovada. O imaginado ancora-se então na realidade exterior.” (PEREIRA, 2007, P.40)

No *setting* analítico, como no capítulo anterior foi mencionado, as fotos são, por vezes, trazidas pelos pacientes para contar e recontar a sua história. Este compartilhar pode revelar novas perspectivas, atualizar o olhar para aquela história. A ação de contar uma história para outra pessoa, e o olhar dela sobre o que é contado, promove naquela troca um novo registro da alma.

As trocas criam novas memórias, o mesmo fato pode ser visto sob perspectivas diferentes. Na psicoterapia são promovidas “interferências”, que são provocações que despertam um novo olhar, uma nova visão daquilo que já havia sido registrado anteriormente. Uma nova foto é “feita”. Dessa maneira, o processo de psicoterapia também está possibilitando que a alma capture novas possibilidades sobre a vida, a partir das lentes da reflexão.

Uma outra forma de trabalhar a comunicação da alma pela fotografia, é através de fotografias aleatórias levadas pelo psicoterapeuta ou pelo paciente, das quais o paciente pode escolher uma e falar sobre ela, sobre as impressões daquela imagem. A foto atuando como um recurso projetivo, como em alguns testes psicológicos. Uma fotografia pode ter a capacidade de revelar aspectos psíquicos profundos, pois os captura e retrata, como toda arte.

A imagem conversa com os conteúdos internos da pessoa que se relaciona com a foto e um sentido se faz, a imagem torna-se real internamente. Destaco o diálogo entre Kerns e Kostka⁴ (1984, p. 192):

⁴ Tradução livre do original “BK (...) Psychologically, there are latent images within your mind, awaiting development. Images floating inside the mind, always present, and when you see a visual confirmation of that image on you have what one could call ‘the shock of recognition’. RK: Is it then

“BK: (...) Psicologicamente, há imagens latentes em sua mente, aguardando desenvolvimento. Imagens fluando dentro da mente sempre presentes, e quando você vê uma confirmação visual da imagem você tem o que se poderia chamar de ‘o choque do reconhecimento’.”

“RK: Então será, talvez, um dos papéis da fotografia nos mostrar o que já sabemos? Talvez *aí* esteja a realidade. Essa imagem latente deve funcionar nos dois sentidos: o que você vê mas não percebe, até o momento de enxergar, leva anos para ser entendido.”

Assim, Kotska, conclui que a fotografia não apenas provoca uma resposta de beleza e prazer mas também evoca todos os outros sentimentos contidos nos seres humanos, assim como a dor e o sofrimento, em um nível mais profundo.

Uma terceira possibilidade para ser trabalhada em psicoterapia é a arte de fotografar, propriamente dita. Neste sentido, pode ser que o paciente demonstre interesse por esta forma de expressão, assim pode utilizar esta ferramenta para registrar aquilo que seu estado de alma propõe.

A fotografia é uma arte que permite explorar o objeto, circunambular por ele, registrar as diversas perspectivas que um elemento pode oferecer.

Samuels (1988), traz a seguinte definição em conjunto com a ideia de circunambulação de Jung:

“Circunambulação significa não somente um movimento circular, mas também a marcação de uma área sagrada em torno de um ponto central. Psicologicamente, Jung a definia como uma concentração em um ponto, e a ocupação deste, concebido como o centro de um círculo. Mediante a AMPLIFICAÇÃO, chegou a ver isso como uma imagem circular, que para ele sugeria a contenção do EGO na dimensão maior do SELF [...]” (SAMUELS, 1988, p.21)

Assim, circunambular implica em um movimento vivo, cuja relação produz observações, percepções, correlações pela amplificação simbólica, a cada novo olhar os conteúdos aprendidos incorporam novos significados.

perhaps one of the roles of photography to show us what we already know? Perhaps *there* is the reality. This latent image should work both ways: the thing you see but are oblivious to at the moment of seeing, taking years to be understood.”

Aprender uma arte também requer esse movimento de circumbulação, o processo de iniciar uma nova atividade exige que indivíduo esteja com o seu aprendiz interno ativado e interessado naquele conteúdo, faminto e curioso por aquele projeto. Através do redondo das lentes e da busca pelo foco, a fotografia circula em torno de seu objeto para depois, com a foto realizada, poder com ele “conversar”. Este seria o relacionar-se com a imagem que pode expressar o mundo interno em conexão com o externo.

A tolerância à frustração é um aspecto que aparece na arte de fotografar, existe a expectativa do resultado de um registro e a realidade que aparece no visor da câmera (refiro-me às digitais), a provocação a tolerância a frustração é imediata, especialmente àqueles que possuem pouca prática e pouco domínio na manipulação câmera e ajuste de suas funções. A frustração, se tolerada, conduz a uma busca por maior implicação com a técnica, com a câmera e com o fotografar. O registrar, a reflexão, exigem envolvimento.

Com a fotografia (câmeras digitais) é possível refazer o clique quantas vezes forem necessárias, ou quantas vezes o objeto fotografado permitir, é uma arte que possibilita uma relação maior com os erros, pois ela permite aperfeiçoar o resultado sem muito prejuízo. Errar é parte do processo de caminhar pela vida, quantas não são as vezes em que justo o erro, quando reconhecido, é que coloca o sujeito ao encontro de si.

Nesse processo de aprendizagem, o erro está implícito, é sempre uma possibilidade latente, ele fundamenta a construção do olhar e domínio das técnicas, desistir na primeira foto estourada ou desfocada é impedir o progresso na arte. Como na pintura, na dança, na escultura, e demais artes. O resultado do erro também desperta para uma beleza inesperada, uma estética inovada e criativa, por vezes, do erro nasce um projeto incrível com uma técnica inesperada, caracterizando que nem sempre um erro é necessariamente algo inútil, pode ser a descoberta de um novo caminho, até então não imaginado a ser trilhado.

Permite também uma exploração maior do objeto, pela utilização de diversas técnicas de fotografar, pela ambulação é possível registrar diversas facetas e aspectos do objeto de interesse, assim abrindo um gama de

possibilidades de foto. O trabalho psicoterápico com os retratos da câmera fotográfica/psíquica requer a constante busca por novos olhares frente ao fato.

A paciência é outro aspecto envolvido nessa arte, pois internamente realiza-se uma construção da mensagem que se quer passar com aquela imagem, e arte está em transmitir essa informação no registro fotográfico, necessitando uma elaboração, um planejamento para então realizar o disparo da câmera.

A aceitação é uma habilidade necessária, há momentos em que todas as fotos são perdidas, em que o trabalho se perde com um clique ou vai embora com a câmera. É a vida que segue, é preciso continuar apesar das adversidades.

Além do processo de aprendizagem passar por etapas de construção do saber de forma bem lógica e objetiva, conteúdos internos preexistentes também estão presentes nesta construção. São muitas as habilidades e processos psicológicos que podem se manifestar e desenvolver nessa atividade, especialmente no processo de dar forma para o sentimento envolvido.

III. 2 Fotografia e imaginação ativa

A Imaginação Ativa é proposta por Jung como um método de conscientização do inconsciente ao dar forma a este, o que tem resultados terapêuticos:

“As projeções dos alquimistas não são outra coisa senão conteúdos inconscientes a aparecer na matéria; a psicoterapia moderna procura torná-los conscientes pelo método da *imaginação ativa* antes que eles transformem em projeções inconscientes. A conscientização do inconsciente e o dar forma ao que é disforme têm um efeito psíquico em todos aqueles casos em que a atitude da consciência, diante

de um inconsciente transbordante, não lhe oferece qualquer possibilidade de expressar-se. Em tais circunstâncias não resta, por assim dizer, outro recurso ao inconsciente senão engendrar projeções e sintomas neuróticos.” (JUNG, OC XIV/2, §107)

O indivíduo ao acessar a imagem de uma emoção pode ter a sensação de acolhimento e novas percepções diante da situação, como destaca Pereira (2007) que utiliza uma citação importante de Chodorow (1977) ao falar do processo realizado pelo Jung em si próprio, em seu estudo sobre as publicações a respeito da imaginação ativa:

“Com o passar do tempo, ele se deu conta de que, quando conseguia traduzir suas emoções em imagens, se sentia internamente acalmado e seguro. Ele percebeu então que sua tarefa era encontrar as imagens contidas nas emoções... O processo conduziu-o a uma descarga enorme de energia, assim como a percepções, que lhe deram uma orientação nova.” (CHODOROW, 1977, p. 2 IN: PEREIRA, 2007, p.37)

Boechat relata a forma como a Imaginação Ativa atua na psique, a importância da postura dialética para realizar o encontro do consciente com as imagens contidas na emoção:

“O postulado básico de Jung opera aqui: emoções autônomas têm grande poder sobre o ego, apossam-se dele e têm grande poder dissociativo sobre a consciência. Na medida em que essas emoções são *personificadas* a consciência pode entrar melhor em diálogo com elas, assumir uma postura dialética e esses conteúdos podem ser mais bem-integrados.” (BOECHAT, 2014, p.96) 12

São muitas as formas de realizar a imaginação ativa e sobre essa variação de possibilidades, nas palavras de Jung, cada paciente exige um novo método de trabalho:

“[...] Cada caso exige uma terapia diferente. Quando um médico me diz que ‘obedece’ estritamente a este ou àquele ‘método’, duvido de seus resultados terapêuticos. [...] A psicoterapia e as análises são tão diversas quanto os indivíduos.” (JUNG, 2005, p.120)

Joan Chodorow inspirada na coletânea particular de Ruth Thacker Fry, dos escritos de Jung sobre Imaginação Ativa, publicou o livro *Jung on Active Imagination*. A autora destaca duas maneiras de fazer imaginação ativa: “Às vezes acontece principalmente dentro da mente e em outras através de pinturas, desenhos, esculturas, dançando, escrevendo, dentre outras formas”.⁵ (JOAN CHODOROW, 1997, p. 7) E, este trabalho, propõe o fotografar.

Chodorow também destaca os termos utilizados para denominar esse método no início dos estudos de Jung, chama a atenção para o termo “*picture method*”, cuja tradução livre para “picture” é fotografia, retrato:

“O método terapêutico de Jung teve muitos nomes diferentes antes de decidir pelo termo imaginação ativa. Primeiro era “função transcendente”. Depois ele o chamou de ‘picture method’. (...) O termo ‘picture method’ aponta para o uso de material de arte para criar pinturas e desenho simbólicos”.⁶ (CHODOROW, 1997, p.3 e 4)

A referência ao retrato como um dos nomes iniciais para a imaginação ativa, abre uma brecha para explorar a arte de fotografar como mais uma forma de expressão desse método.

A fotografia, como toda arte, é uma manipulação da natureza, pois ao registrar uma cena, aqueles elementos e contextos são eternizados, são congelados naquelas características. Enquanto, no processo orgânico da natureza existe o movimento, a mudança, o envelhecimento, a ação do tempo sobre os aspectos capturados. Dessa forma, fotografia é um *opus contranaturam*, pois está indo contra o fluxo espontâneo da natureza, está promovendo uma transformação e síntese desta.

Entende-se que a Imaginação Ativa é o próprio diálogo com o inconsciente, ouvir o que este tem a dizer, que também acontece de forma

⁵ Tradução livre: “Sometimes active imagination take place mainly inside the mind. Other times, the imagination is given from through painting, drawing, sculpting, dancing, writing, or in ther ways.” (JOAN CHODOROW, 1997, p. 7)

⁶ Tradução livre: “Jung’s therapeutic method had many different names before he settled on the term active imagination. At first it was the ‘transcendent function’ Later he called it the ‘picture method’. (...) The term ‘picture method’ points to the use of art materials to create symbolic painting and drawings.” (JOAN CHODOROW, 1997)

particular para cada paciente, e pode ser realizado de diferentes formas durante o processo.

Independente da forma de expressão optada para dar sentido aos conteúdos internos, no processo psicoterápico é possível e recomendável acolher essas imagens frutos da Imaginação Ativa. A psicoterapia é única, é personalizada, reflete a essência e as características daquela pessoa que está a procura do seu autoconhecimento.

Joan CHODOROW, neste sentido, afirma que cada analista e cada paciente possui sua singularidade na forma pela qual acessa a Imaginação Ativa: “[...]existem várias formas para acessar a imaginação ativa. Talvez, em seu sentido mais profundo, cada um de nós precisa encontrar seu próprio caminho.”⁷(CHODOROW, 1977, p.11)

Muitas vezes a Imaginação Ativa acontece em seu formato mais utilizado e descrito muito bem por FRANZ, um diálogo com imagens de sonhos ou imagens que se formam ao estar aberto para o inconsciente:

“[...] A pessoa simplesmente começa com o que vem de dentro dela, com uma situação de sonho relativamente inconclusiva ou uma momentânea modificação do estado de espírito. Se surge um obstáculo, a pessoa que medita é livre para considera-lo ou não como tal; é ela que resolve como deve reagir diante dele. Assim, cada passo se torna uma escolha individual única e responsável e, por esse motivo, também uma síntese única das tendências conscientes e inconscientes.” (FRANZ, 1999, p. 179)

Em outros casos, a Imaginação Ativa, utilizando os mesmos pontos básicos do acima descrito, como frente a um estado de ânimo pode o paciente sentir o desejo de realizar algum tipo de atividade, que se manifesta, primeiramente, de forma intuitiva. O próprio brotar de uma vontade diferente é esperado a partir da relação analítica que é um campo criativo por ser um espaço construído para que as profundezas psíquicas possam ser ouvidas. São diversas as formas que esse desejo pode se manifestar, como por

⁷ Tradução livre de: “[...]there are many ways to approach active imagination. Perhaps in the deepest sense, each of us has to find the own way.”

exemplo pela jardinagem, tecelagem, bordado, música, dança e a fotografia como no caso abordado nesta monografia.

É importante que no espaço analítico as imagens e diálogos que acontecem nesse processo não fiquem apenas no ato de acolher e acompanhar o processo de desenvolvimento da atividade, mas principalmente, trabalhar a busca do sentido daquela experiência para o paciente, é um trabalho ativo de envolvimento do eu com as imagens psíquicas:

“Não devemos esquecer que pode estar precisamente na imaginação de uma pessoa o mais importante dela. Digo expressamente *pode estar*, porque, de outro lado, as fantasias são inúteis, não podendo ser usadas como material Bruto. Para aumentar o valor que nelas reside, é preciso desenvolvê-las.” (JUNG, 1991, OC VI, §88)

Os processos de Imaginação Ativa requerem que se converse com a imagem e que seus produtos sejam analisados. No caso do fotografar, a escolha desse método, a maneira como é realizado, as cenas capturadas, entre outras situações, não estão isolados do contexto psicoterápico, relaciona-se com sonhos tidos pelo paciente, relatos de sua vida pessoal, assim como outros constantes registros internos expressos no campo analítico. A psicoterapia se revela como um trabalho que analisa diversas expressões psíquicas do sujeito e em especial observa a partir destes a síntese e integração de aspectos da personalidade que aos poucos surge. Nas palavras de Jung, um processo nada simples:

“ [...] Os valores das imagens ou símbolos do inconsciente coletivo só aparecem quando submetidos a um tratamento *sintético*. Como a análise decompõe o material simbólico da fantasia em seus componentes, o processo sintético integra-o numa expressão conjunta e coerente. Este processo não é simples.” (JUNG, 1983, OC VII/1, §122)

Jung, ao falar de uma paciente com a qual utilizou o recurso do trabalho com pinturas/desenhos, fala que “As pinturas são uma espécie de ideogramas de conteúdos inconscientes.” (JUNG, OC IX/1, §622). Com a fotografia não é diferente, já existe na pessoa uma ideia/emoção interior, que

precede o registro, o qual direcionará o olhar e a forma de capturar a imagem, dando forma àquele conteúdo interno, em foto.

Um processo de Imaginação Ativa com a fotografia inicia-se com a vontade intuitiva de fotografar. O aprender a manejar uma câmera é também parte do processo, é um levar a sério um desejo proposto pela psique, é parte do processo de dar veracidade ao mundo psíquico. O assunto a ser registrado nem sempre está claro para o indivíduo, a construção do sentido da captura se dá na relação com o meio, com as cenas, com os objetos.

Sem um objetivo definido a priori, as imagens vão se manifestando e se formando na relação: ego, meio e inconsciente. Durante o registro em termos da psicoterapia não há preocupação de conformidade técnica e estética para o julgamento de terceiros, o que há é uma conexão com a imagem produzida e se ela conversa com a necessidade interior da psique que a registra.

A finalização do ensaio provoca uma sensação de dever cumprido, de orgulho pelas formas capturadas. As imagens tomam conta do indivíduo, para ele as fotos são muito expressivas e causam um encantamento. Um encantamento justo por elas revelarem estados do seu ser. Tais imagens podem tomar novos significados no campo analítico e em sua vida a cada vez que são observados por aquele que as registrou. O que inicialmente era um registro intuitivo, com o tempo pode-se perceber através das conexões realizadas na psicoterapia uma sequência subjetiva, como se revelasse uma história que a psique quer contar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia, como forma de expressão e de arte, capta em seus registros conteúdos arquetípicos, por este motivo, essas imagens cativam olhares e interesse, despertam emoções. Pessoas são tocadas pelas fotos de diversas formas, há muitos anos a busca por retratar uma situação e depois poder contemplá-la, compartilhá-la, registrá-la acompanha o ser humano com as pinturas, gravuras e a fotografia. Na fotografia, como em todas artes, uma *coniunctio* se revela na conexão entre mundo interno e mundo externo: o que está na imagem concreta também é uma imagem interna.

Uma ponte deve ser utilizada para fazer a relação, promover o diálogo entre consciente e o inconsciente, entre psique e mundo. A fotografia é capaz de possibilitar um diálogo do indivíduo com seus conteúdos inconscientes, que em conjunto com uma análise dessa experiência, dá forma às emoções, criando um novo registro sobre aquela vivência.

Assim, amplia-se a consciência da psique, promove uma “coagulação” do processo de individuação, como nas palavras de Bosnak, um salgamento das imagens:

“[...]A imagem do sal é usada frequentemente pelos alquimistas. O sal deriva das lágrimas e do suor, e está ligado à nostalgia e à amargura. Era usado pelos alquimistas como fixador para preservar os processos. Eles pensavam que sem o sal amargo os oceanos teriam secado. Acreditava-se que o sal solidificasse o vapor úmido. Sem o sal qualquer coisa evapora; o sal neutraliza a volatilidade. A desilusão é, particularmente uma mina de sal. A fotografia é um tipo de salgamento das imagens, para prevenir a sua evaporação. A memória é fixada numa película de prata, uma emulsão sensível à luz que retém as impressões na câmara escura. Isso evoca as imagens da lua, que se reflete na noite, e do espelho de prata.[...]” (BOSNAK, 1994, p.86)

A fotografia carrega em si muitas possibilidades de combinações, belezas, desafios e contradições, o que faz dela uma ferramenta com muito potencial para auxiliar a pessoa interessada nessa arte a se relacionar com

os mundos externo e interno. Fotografar vai muito além do desenhar com a luz.

A fotografia é contar uma história e criar memória. É realidade e ficção. É espelhar e revelar. É arte e técnica. É colorido e preto e branco. É analógica e digital. É camuflagem e exposição. É compartilhar e documentar. É acertar e errar. É olhar e ocultar. É capturar e apagar. É circumambular e se encontrar. É viajar e enraizar. É ter novas perspectivas e congelar no tempo. É desfocar e dar forma. É consciência e fuga. É dentro e fora. É um jogo de luz e sombra. É relação e emoção. É sobretudo, uma linguagem da alma!

REFERÊNCIAS

- BOSNAK, Robert. **Curso sobre Sonhos**. São Paulo: Paulus. 1994.
- BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C.G.Jung – uma jornada para profundidades desconhecidas**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHODOROW, Joan. **Jung on active imagination**. New York: Routledge. 1997.
- DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO: etimologia e origem das palavras. Disponível em: < <https://www.dicionarioetimologico.com.br/fotografia/>> Acessado em: 16 de junho de 2018.
- HARAZIM, Dorrit. **A fotografia descobre a América**. Revista Zum. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/colunistas/a-fotografia-descobre-a-america/>> Acessado em: 13 de julho de 2018.
- HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- JAFFÉ, Aniela. O Simbolismo nas Artes Plásticas. IN: JUNG,C.G.; HENDERSON, Joseph L.; JACOBI, Jolande; JAFFÉ, Aniela. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira,
- JUNG, C.G. **A Natureza da Psique**. OC VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Tipos Psicológicos**. OC VI. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Mysterium Coniunctionis**. OC XIV/1. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Mysterium Coniunctionis**. OC XIV/2. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. OC IX/1. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Civilização em Transição**. OC X/3. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Psicologia do Inconsciente**. OC VII/1. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Petrópolis: Nova Fronteira, 2005.
- KOSTKA, Rob; KERNS, Ben. **On the photographic image**. An annual of archetypal psychology and Junguian thought. Dallas: Spring Publications, 1984.
- FRANZ, Marie Louise von . **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus,1999.
- NEWHALL, Beaumont. **The history of photography**. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1988.

WENTH, Renata Cunha. **O Fértil Corpo da Alma**. Palestra proferida no dia 03 de julho de 2004 no 3º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica, em São Francisco Xavier, São Paulo. Texto ainda não publicado.

PEREIRA, Paulo José Baeta. **Sobre a imaginação ativa**. Cadernos Junguianos. nº 3. São Paulo: AJB, 2007

PINHEIRO, Nuno. **Fotografia e História Social**: Utilização da fotografia como fonte para a História. Fazer história contemporânea: Estudos do século XX. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/36733>> Acessado em: 10 de julho de 2018.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SALDIVA, Paulo. Jornal da Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xr_aWQTnw80&feature=youtu.be. Acessado em 22/07/18.

SMITH, Ian Haydn. **Uma breve história da fotografia**. São Paulo: GG. 2018.